

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES, DIRIGIDA POR JOSÉ DA SILVA VIEIRA

N.º 1

Vol. IV

4.º Anno

4.ª Serie

ESPOZENDE I DE MAIO DE 1888

Tradições populares

da

PROVINCIA DO MINHO

I

Costume popular de Fão

Na freguezia de Fão, pertencente ao concelho d'Espozende, é muito vulgar o costume em todas as mulheres, quer novas ou velhas, casadas ou solteiras, trazerem ás costas uma saia preta, andando, aliaz magnificamente tra-

jadas e com toda a decencia; todavia a saia pela cabeça é parte obrigada e usada por quasi todas, com honrosas excepções. Parece-me ser por isso que os seus vizinhos de Espozende os alcunham de:—*Cucos de Fão*, accrescentando que *enganaram o Senhor com uma codinha de pão*, com cuja cantiga todos os Fãozenses se enfadam consideravelmente.

Em Espozende tambem se observa um pequeno ramo d'este costume, vendo-se algumas vezes as mulheres de saias pela cabeça.

O traje das mulheres de Fão é muito conhecido, já pelo paternal uso das saias, já pelos casacos que vestem, que são descidos um pouco até baixo da cintura e de um talho em parte differente do de outras terras; muito abastados tambem na largura da cinta, phantaziam uma gordura ás vezes collosal, sendo certo que são uzados até por mulheres mui franzinas.

Cada terra com seu uzo, e cada roca com seu fuzo.

I I

Para as moscas não cahir na comida quando está na meza

Quando se está á meza, e fomos invadidos por muitas moscas, o que geralmente succede no verão devemos, para não se pousarem na respectiva comida, fazer uso de uma receita curioza que consiste no seguinte: em prato, terrina *malga*, chavena, ou em outra qualquer peça de louça onde ellas possam cahir, deve collocar-se um garfo de ferro atravessado em cima da peça de louça que tiver a comida, ou qualquer liquido; este signal afugenta-as d'aquelle sitio. E' crença popular d'Espozende.

III

Signaes no corpo humano

Quando se mata um porco, (ou porca) as mulhes que andarem gravidas devem ter toda a cautella em, depois de terem pôsto as mãos nos boches do dito porco, ou porca, em não as chegar ao corpo untadas de sangue porque se n'esta mesma occasião as pozer em qualquer sitio do corpo e *cossar-se*, a criança que nascer traz um signal no mesmo sitio do corpo onde a mãe poz a mão untada de sangue e gordura dos mesmos. Este signal cresce conforme o corpo, até ao exacto tamanho em que, pela mãe, foi sujo pelo sangue e gordura na primitiva occasião, e é sempre da côr dos boches.

Fica, pois, registrada essa crença.

Espozende.

(Continúa)

J. da SILVA VIEIRA.

PADRE NOSSO PEQUENINO

(Variante)

Padre nosso pequenino
Tem as chaves no Paraizo.
Quem lh'as deu, quem lh'as daria?...
Foi o filho da Virgem Maria.
Cruz no monte, cruz na fonte,
nanca o *diacho* me encontre
nem de noite nem de dia
nem á hora do meio-dia.
Já os anjos se levantam,
Já Deus vae na Cruz
Para sempre. Amem, Jesus.

(Lamego)

No primeiro anno da *Revista* a paginas 75—numeração infantil, como variante da formula—una, duna, tena, etc, pôde-se-lhe tambem junctar esta, da Beira Alta.

Una, duna, tena, catena, *S. Paro*, Amaro, do bico do pé, são nove, são dez.

(Lamego)

bem como, com referéncia ao «Kalendario rustico» 2.º, 2.ª serie, n.º 5, a seguinte:

Anna,
magana,
Rebeca,
Susana,
Lazaro,
Ramos,
Em Paschoa estamos.

(Lamego)

J. Diogo da Carmo.

Folk-lore alentejano

X X I I

CANTIGAS DO NATAL (.)

(continuado do n.º 5 do 3.º anno)

Do tronco nasceu a rama,
Da rama nasceu a flor,
De David nasceu Maria,
De Maria o Redemptor.

Cantae anjos ao menino,
Que a Senhora logo vem,
Foi lavar os cueirinhos
Á ribelra de Belem.

Vamos moças a dar vivas,
Nascidas do coração,
Viva Jesus no presépe
E o Baptista no Jordão.

Eu heide dar ao menino
Uma fita p'r'o chapéu,
Tambem elle me hade dar
Um logarsinho no ceu.

Eu heide dar ao menino
Uma fita p'ra cintura,
Tambem ellê me hade dar
Lá no céu a sepultura.

O menino chóra, chora,
Chóra pelos sapátinhos
Haja quem lhe dê as solas,
Que eu lhe darei os saltinhos.

Ó meu amado menino,
Boquinha de sangue e leite,
Vossa mãe é uma rosa,
Vosso pae um ramalhete.

Já lá vem a barca nova
Que fizeram os pastores,
Vem Nossa Senhora dentro
N'um arco-iris de flores.

Eu sou a fama ligeira
Sou mais ligeira que o vento,
E venho annunciar
O divino sacramento.

Já lá vem os tres reis magos
Das bandas do Oriente,
A'dorar o Deus menino,
Jesus Deus Omnipotente.

Ó meu menino Jesus,
Boquinha de requeijão,
Quem vol-a comera toda
C'um bocadinho de pão.

—Ó meu menino Jesus,
Que é da vossa camisinha?
—Ficou-me no coradouro
A córar bem coradinha.

Qualquer filho de homem pobre
Nasce n'um ceo de cortinas,
Só tu, Menino Jesus,
Nasceste n'umas palinhas.

(.) Cf. os n.ºs 3, 4 e 5—3.ª série—
d'esta *Revista*.

Qualquer filho de homem pobre

Nasce n'uma boa cama,
Só voz, Menino Jesus,
Nascesteste n'uma cabana.

Ó meu amado menino.
Da lapa do coração,
Dai-me da vossa merenda,
Que a minha mãe não tem pão,
Hade coser amanhã,
No forno de S. João.

Ai, ai, ai,
Ai, ai, ai,
Quem vae p'r'ó ceu
Bem vae,
Se não errar o caminho,
Bem encaminhado vae.

Ai, ai, ai
Ai, Jesus,
P'lo Natal no presépe,
P'la *coresma* na cruz.

Ai, ai, ai,
Ai, ai, ai,
Deus do ceu
E' nosso pae.

Acabou-se o baile
Com muita alegria,
Orar ó Deus menino,
José e Maria.

Acabou-se o baile
Adeus m'nha Senhora,
Orar ó Deus menino
Nos braços da aurora.

A. Thomaz Pires

FORMULAS POPULARES

(Continuado do n.º 14 da 3.ª serie)

«N'outras terras (Beira) fazem simplimenta as cruces com uma faca.

8—*Talhar o unheiro.*—Resa-se o seguiate nove vezes. De cada tres que se reza, trinca-se folha de loureiro ou alho, e bufa-se no unheiro:

Santa Iria
Tres filhas tinha:
Uma no monte,
Outra na fonte,
Outra no fogo ardia.
Que lhe soprasse,
Que lhe bufasse,
Que o fogo amainaria.

(*Sinfães*)

9—*Para talhar a quentura*—
Diz-se o seguinte:

S. Lopo, S. Lopinho
Tres filhas tinha:
Uma cosia,
Outra urdia,
Outra em fogo ardente ardia,
E perguntou o que fazia:
Escope e assopra-lhe tres vezes ao dia
E logo lhe sararia.

(*Sinfães*)

10—*Para benzer a cozedura dos pés:*

—Eu que cozo?
«—Carne quebrada.
—Fio dertrôço, (destorço)
Isso mesmo é o que eu cozo
Pelo poder de Deus,
De S. Pedro e S. Paulo
E S. Silvestre,
Que seja o divino mestre
De quanto eu faço
Tudo preste,
Seja são e salvo
Como na hora
Em que foste baptisado.

Deve diser-se sove vezes com P. N., e
A. M.»

(*Sinfães*)
J. S. VIEIRA.